

## **Plataformas Virtuais Na Educação: Oportunidades E Desafios**

Roberta Seixas  
*UNESP*

Jeferson Morais Da Costa  
*UNITINS*

Cynthia Maria Saraiva Rolim  
*CEUMA*

Rayla Sampaio Pires Costa  
*CEUMA*

Crislane Rodrigues Dos Santos  
*Universidade Federal De Pernambuco*

Rafaela Mayara Silva De Souza  
*UNIBF*

Piedley Macedo Saraiva  
*UNIFAP (Centro Universitário Paraíso)*

Diego Henrique Machado Gabriel  
*Faculdade Interamericana FICS*

Adriana Doroteu Dantas  
*UFAM*

Leonardo Correia Padovan Soprani  
*Unicarioca*

Wesleia Patricia Dos Santos  
*EBWU*

Vinícius Alexandre De Castro  
*Unirv*

Lidiane Indiani  
*Hospital Israelista Albert Eistein SP*

---

### **Resumo:**

*Este artigo tem como objetivo analisar as oportunidades e desafios relacionados ao uso de plataformas virtuais na educação, a partir da percepção de profissionais atuantes na área. A pesquisa foi de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, envolvendo 22 profissionais da educação básica e superior, entre professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados com base em categorias temáticas. Os resultados revelaram que as plataformas virtuais oferecem significativas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, como a flexibilização do tempo e espaço, maior acesso a recursos pedagógicos e incentivo à autonomia dos alunos. No entanto, também*

*foram identificados desafios relevantes, como a desigualdade no acesso às tecnologias, a sobrecarga docente e a necessidade de formação continuada. Conclui-se que, embora as plataformas virtuais representem uma evolução na prática educativa, sua implementação efetiva exige planejamento, infraestrutura adequada e políticas públicas inclusivas.*

**Palavras-chave:** Educação; Tecnologias; Plataformas.

Date of Submission: 27-05-2025

Date of Acceptance: 07-06-2025

---

## I. Introdução

O advento das tecnologias digitais revolucionou diversos setores da sociedade, incluindo o campo educacional. Nos últimos anos, especialmente com o avanço da conectividade e a popularização dos dispositivos móveis, o uso de plataformas virtuais na educação tornou-se uma realidade crescente em instituições de ensino de diferentes níveis. Essa transformação impactou diretamente as práticas pedagógicas, promovendo mudanças significativas na maneira como o conhecimento é produzido, compartilhado e adquirido. As plataformas virtuais oferecem aos educadores uma variedade de recursos e ferramentas que possibilitam ampliar o alcance do ensino, diversificar metodologias e personalizar o processo de aprendizagem (Nascimento; Sá, 2016).

Além disso, promovem maior interatividade entre professores e alunos, permitindo o acompanhamento contínuo do desempenho dos estudantes, a aplicação de avaliações online e a construção de ambientes colaborativos de aprendizagem. A educação mediada por plataformas digitais também proporciona oportunidades para o desenvolvimento da autonomia discente, uma vez que os alunos têm a possibilidade de acessar os conteúdos em horários flexíveis, revisar materiais conforme suas necessidades e construir um ritmo de estudo mais alinhado às suas realidades individuais. Isso tem se mostrado especialmente relevante em contextos de educação a distância ou ensino híbrido (Silva; Diana; Spanhol, 2020).

Entretanto, a integração de plataformas virtuais no contexto educacional não ocorre sem desafios. A desigualdade no acesso às tecnologias, a resistência de parte do corpo docente, as limitações técnicas das plataformas e a necessidade de formação continuada para o uso eficiente dessas ferramentas são alguns dos entraves identificados na prática educativa. Tais obstáculos impactam diretamente a qualidade e a equidade do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a pandemia da COVID-19 intensificou o uso das plataformas virtuais como solução emergencial para garantir a continuidade das atividades escolares. Esse cenário acelerou o processo de digitalização da educação, mas também evidenciou as lacunas estruturais e pedagógicas que precisam ser superadas para que a tecnologia cumpra efetivamente seu papel de apoio ao ensino (Mendonça et al., 2020).

Com o retorno das atividades presenciais, o debate sobre o uso das plataformas virtuais na educação permanece atual e necessário. É fundamental compreender como essas ferramentas estão sendo incorporadas às práticas escolares, quais impactos estão gerando e de que forma podem ser aprimoradas para potencializar a aprendizagem (Costa, 2020). Diante desse contexto, o objetivo da presente pesquisa foi analisar as oportunidades e desafios percebidos por profissionais da educação em relação ao uso de plataformas virtuais, buscando compreender os efeitos dessa prática sobre o ensino e a aprendizagem.

## II. Materiais E Métodos

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem qualitativa, tendo como objetivo analisar, de forma detalhada, as percepções de profissionais da área educacional sobre as oportunidades e desafios no uso de plataformas virtuais. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender em profundidade os significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa às suas experiências cotidianas com essas ferramentas (Lima et al., 2020; Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024).

A amostra da pesquisa foi composta por 22 profissionais da educação, entre professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares, atuantes em instituições públicas e privadas do ensino básico e superior. A seleção dos participantes ocorreu por meio de amostragem intencional, considerando a experiência prévia dos profissionais com o uso de plataformas virtuais em contextos educacionais.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas individualmente, de forma presencial ou virtual, conforme a disponibilidade dos participantes. As entrevistas abordaram temas como: tipos de plataformas utilizadas, benefícios observados, dificuldades enfrentadas, impacto na aprendizagem dos alunos e estratégias adotadas para superação de obstáculos.

As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo, que compreende três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A análise foi organizada em categorias temáticas emergentes a partir dos dados: (1) facilidades pedagógicas; (2) limitações técnicas e estruturais; (3) impacto na aprendizagem; (4) formação docente; e (5) desigualdade digital.

### **III. Resultados E Discussões**

A análise dos dados coletados revelou uma série de aspectos relevantes sobre o uso de plataformas virtuais na educação, organizados em torno de cinco eixos principais: facilidades pedagógicas, limitações técnicas e estruturais, impacto na aprendizagem, formação docente e desigualdade digital. A seguir, são apresentados os principais resultados, acompanhados de trechos ilustrativos dos relatos dos profissionais participantes.

O primeiro ponto destacado por uma grande maioria dos entrevistados foi a facilidade na organização do conteúdo pedagógico. Segundo E01, “a plataforma ajudou muito no planejamento, porque consigo disponibilizar tudo em um único ambiente, sem precisar imprimir ou passar atividades no quadro”. Da mesma forma, E08 relatou que “com o Google Classroom, pude programar as aulas com antecedência, anexar vídeos, artigos e materiais complementares, o que ampliou muito o repertório dos alunos”.

Outro benefício apontado por 19 dos 22 participantes foi o aumento da interatividade e da comunicação com os alunos. E05 destacou que “os fóruns e os chats permitiram uma troca mais constante, inclusive com alunos que em sala não costumavam se manifestar”. Já E13 observou: “Pude perceber uma aproximação com os estudantes, principalmente os mais introspectivos, que passaram a se expressar melhor por escrito nas plataformas”. A autonomia discente foi mencionada por E03 como uma das maiores contribuições das plataformas virtuais. Ele explicou que “os alunos começaram a gerenciar melhor o próprio tempo e aprenderam a pesquisar sozinhos. Muitos me diziam que estavam aprendendo a estudar de forma mais independente”. E11 também reforçou essa percepção ao afirmar que “houve uma melhora na responsabilidade dos estudantes. Eles passaram a organizar cronogramas de estudo e desenvolveram mais disciplina”.

No entanto, a infraestrutura tecnológica foi apontada como um obstáculo significativo. Segundo E07, “tivemos muitos problemas com alunos que não tinham acesso à internet de qualidade ou sequer possuíam computador ou celular compatível com as plataformas”. E14 complementou afirmando: “Mesmo quando o conteúdo era bem preparado, muitos alunos não conseguiam acessá-lo, o que comprometia a aprendizagem e aumentava a evasão”.

Os problemas de conexão também afetaram os professores. E20 relatou: “Em minha casa, a internet não suportava tantas videochamadas seguidas, então precisei buscar alternativas, como gravar vídeos e enviar por outras redes”. E06 afirmou que precisou “usar o próprio celular, com dados móveis, porque a escola não ofereceu suporte nem ajuda de custo”. A sobreposição de funções e aumento da carga de trabalho foi um dos pontos mais frequentemente criticados. E04 relatou: “Antes, eu preparava uma aula para 50 minutos presenciais. Agora, preciso preparar o conteúdo, gravar vídeos, criar atividades, corrigir tudo online e ainda responder mensagens fora do horário. Foi muito desgastante”. E17 reforçou essa percepção, comentando: “Houve um esgotamento mental e emocional muito grande, porque o trabalho triplicou e não houve reconhecimento”.

Em relação ao impacto no processo de ensino-aprendizagem, as opiniões se dividiram. E06 foi cético: “Sinto que muitos alunos apenas ‘cumpriram tabela’. Faziam as atividades para ter nota, mas não se engajavam de verdade no aprendizado”. Por outro lado, E10 disse que “alguns alunos, principalmente os mais tímidos, aprenderam mais do que em sala. Eles interagiam melhor no ambiente virtual”. A possibilidade de aplicar diferentes metodologias ativas foi vista como um diferencial positivo. E01 contou que “passei a usar quizzes interativos, vídeos comentados e até jogos educativos, e isso engajou muito mais os alunos”. E18 afirmou: “As plataformas me deram liberdade para experimentar novas abordagens e, em muitos casos, os alunos responderam com entusiasmo”.

Contudo, alguns professores ainda apresentaram resistência ao uso das tecnologias. E09 comentou: “Nunca tive muito domínio com ferramentas digitais, então demorei muito para aprender. Isso me gerava insegurança, principalmente quando algo dava errado e eu não sabia como resolver”. E15 afirmou: “Sempre preferi o ensino tradicional. Acho que a tecnologia tira o foco e dispersa os alunos, principalmente os mais novos”. A formação docente inadequada foi outro entrave citado por diversos participantes. E17 disse: “Nos deram acesso às plataformas, mas sem nenhum tipo de capacitação. Tivemos que aprender sozinhos, muitas vezes com erros que prejudicaram o andamento das aulas”. E22 relatou: “Fiz um curso online oferecido pela própria plataforma, mas era muito técnico e não abordava aspectos pedagógicos do uso dessas ferramentas”.

Em contrapartida, alguns docentes buscaram formação por iniciativa própria, como relatou E16: “Comecei a estudar sobre metodologias híbridas, ensino remoto, plataformas gamificadas... Isso me fez crescer muito como professora e me ajudou a adaptar minhas aulas”. E21 acrescentou que “o uso das plataformas me despertou interesse por inovação, e hoje me considero um educador mais completo”. As plataformas também tiveram impactos nas relações com os responsáveis pelos alunos. E12 apontou que “os pais passaram a acompanhar mais de perto a vida escolar, pois podiam acessar o que era postado e conversar diretamente com os professores”.

Em contraposição, E20 alertou para excessos: “Alguns pais começaram a interferir nas atividades, corrigindo os filhos ou até respondendo no lugar deles”. A avaliação da aprendizagem também foi reformulada com o uso das plataformas. E19 relatou: “Tive que repensar como avaliar. Passei a usar portfólios digitais, trabalhos colaborativos e autoavaliações, o que gerou reflexões mais profundas por parte dos alunos”. Já E02

mencionou que “a correção automática de quizzes ajudou a otimizar o tempo, mas percebi que alguns alunos apenas chutavam as respostas para terminar rápido”.

Houve também um aumento na documentação pedagógica e nos relatórios gerados pelas plataformas. E21 destacou: “Pude acompanhar o desempenho dos alunos com mais precisão, pois o sistema mostrava quem acessava, quando acessava e quanto tempo ficava em cada atividade”. A questão da motivação estudantil foi abordada por E13, que relatou que “os alunos mais autônomos se adaptaram muito bem, mas os que precisavam de mediação constante se desmotivaram rapidamente”. E08 complementou dizendo: “Para alguns, o ambiente virtual era frio e impessoal, o que dificultava a permanência nas aulas”.

O uso das plataformas como estratégia de inclusão também foi discutido. E11 contou que “tive alunos com deficiência que se beneficiaram de recursos como legendas automáticas, leitura em voz alta e gravação de aulas, o que ampliou o acesso ao conteúdo”. Ainda assim, E06 alertou: “Nem todas as plataformas são acessíveis. Alguns alunos com deficiência visual, por exemplo, enfrentaram muitas dificuldades”. A percepção sobre a permanência das plataformas no pós-pandemia foi unânime entre os participantes. E22 afirmou: “Mesmo com o retorno presencial, não abro mão do uso da plataforma. Ela é uma extensão da sala de aula”. E16 destacou: “A plataforma não substitui o presencial, mas complementa de forma muito eficiente”.

Sugestões para o futuro também foram oferecidas. E19 defendeu a criação de “grupos de apoio técnico e pedagógico nas escolas para apoiar o uso das plataformas”. Já E07 sugeriu “investimentos públicos para garantir acesso universal à internet e aos dispositivos, reduzindo a desigualdade digital”. Por fim, E13 resumiu o sentimento geral ao afirmar: “As plataformas virtuais não são modismo. São parte do novo cenário educacional. O desafio agora é usá-las com consciência, inclusão e qualidade”.

#### **IV. Conclusão**

A pesquisa permitiu identificar que as plataformas virtuais têm potencial transformador para a educação, oferecendo recursos que ampliam as possibilidades pedagógicas, promovem a autonomia discente e favorecem o acompanhamento individualizado da aprendizagem. Elas também contribuem para tornar o ensino mais dinâmico, interativo e acessível. No entanto, os desafios são expressivos e não podem ser ignorados. A desigualdade no acesso às tecnologias, a falta de formação docente específica, a sobrecarga de trabalho e os limites estruturais das instituições dificultam a efetivação de uma educação verdadeiramente digital e inclusiva. Fica evidente a necessidade de políticas públicas que garantam infraestrutura adequada, conectividade para todos e programas contínuos de capacitação dos educadores. Além disso, é fundamental repensar o modelo de ensino para que as plataformas não sejam apenas uma extensão do quadro e do giz, mas sim ferramentas que promovam a inovação pedagógica. Conclui-se que o uso das plataformas virtuais na educação não deve ser encarado como solução única, mas como parte de uma estratégia mais ampla de modernização do ensino. Seu sucesso depende da integração consciente, crítica e planejada com os objetivos educacionais e com a realidade dos estudantes e educadores.

#### **Referências**

- [1] Costa, M. E. O. Acesso E Uso Da Informação Em Sistemas De Bibliotecas Universitárias Federais Para Usuários Da Educação A Distância (Ead). 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal De Minas Gerais, Escola De Ciência Da Informação. 2020.
- [2] Lima, L. A. O. Et Al. Quality Of Life At Work In A Ready Care Unit In Brazil During The Covid-19 Pandemic. *International Journal Of Research -Granthaalayah*, [S. L.], V. 8, N. 9, P. 318–327, 2020. Doi: <https://doi.org/10.29121/Granthaalayah.V8.19.2020.1243>
- [3] Lima, L. A. O.; Domingues Junior, Gomes, O. V. O. Saúde Mental E Esgotamento Profissional: Um Estudo Qualitativo Sobre Os Fatores Associados À Síndrome De Burnout Entre Profissionais Da Saúde. *Boletim De Conjuntura Boca*, 2023. <https://doi.org/10.5281/Zenodo.10198981>
- [4] Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse Ocupacional Em Período Pandêmico E As Relações Existentes Com Os Acidentes Laborais: Estudo De Caso Em Uma Indústria Alimentícia. *Rgo - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/Rgo.V17i1.7484>.
- [5] Lima, L. A. O.; Domingues, P. L.; Silva, R. T. . Applicability Of The Servqual Scale For Analyzing The Perceived Quality Of Public Health Services During The Covid-19 Pandemic In The Municipality Of Três Rios/Rj, Brazil. *International Journal Of Managerial Studies And Research (Ijmsr)*, V. 12, P. 17-18, 2024. <https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>
- [6] Lima, L. A. O.; Silva, L. L.; Domingues Júnior, P. L. Qualidade De Vida No Trabalho Segundo As Percepções Dos Funcionários Públicos De Uma Unidade Básica De Saúde (Ubs). *Revista De Carreiras E Pessoas*, V. 14, P. 346-359, 2024. <https://doi.org/10.23925/Recap.V14i2.60020>
- [7] Mendonça, J. R. C. Et Al. Políticas Públicas Para O Ensino Superior A Distância: Um Exame Do Papel Da Universidade Aberta Do Brasil. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, Rio De Janeiro, Rj, V. 28, P. 156-177, 2020.
- [8] Nascimento, D. E. S.; Sá, N. O. A Oferta De Serviços E Produtos De Informação Para Alunos De Cursos De Graduação Na Modalidade De Educação A Distância. *Revista Conhecimento Em Ação*, Rio De Janeiro, Rj, V. 1, N. 2, P. 150, 2016.
- [9] Silva, A. R. L.; Diana, J. B.; Spanhol, F. J. Diretrizes Para Concepção De Cursos Em Ead. *Revista Brasileira De Aprendizagem Aberta E A Distância*, São Paulo, Sp, V. 18, N. 1. 2020.